

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CURSO HISTÓRIA-LICENCIATURA**

NATHALIA DE OLIVEIRA AFFONSO

**“AQUI ESVAECE ORGULHO, ÓDIO E VAIDADE. REINA A PAZ, O SOSSÊGO E A
IGUALDADE”: UMA ANÁLISE SOBRE O CEMITÉRIO DAS IRMANDADES –
JAGUARÃO/RS**

JAGUARÃO

2015

NATHALIA DE OLIVEIRA AFFONSO

“AQUI ESVAECE ORGULHO, ÓDIO E VAIDADE. REINA A PAZ, O SOSSÊGO E A IGUALDADE”: UMA ANÁLISE SOBRE O CEMITÉRIO DAS IRMANDADES – JAGUARÃO/RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História-Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Letícia de Faria Ferreira

JAGUARÃO

2015

NATHALIA DE OLIVEIRA AFFONSO

“AQUI ESVAECE ORGULHO, ÓDIO E VAIDADE. REINA A PAZ, O SOSSÊGO E A IGUALDADE”: UMA ANÁLISE SOBRE O CEMITÉRIO DAS IRMANDADES – JAGUARÃO/RS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História-Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Letícia de Faria Ferreira

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: ___/___/___

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Letícia de Faria Ferreira
Orientadora
(História-Licenciatura) - (UNIPAMPA)

Ms. Sara Teixeira Munaretto
(Arqueóloga) – (LACUMA/UNIPAMPA)

Prof. Dr. Edison Bisso Cruxen
(História-Licenciatura) - (UNIPAMPA)

Dedico este trabalho à minha família.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais Martim e Gilsane, assim como minhas irmãs Alice e Victória, pelo apoio que me deram ao longo do curso e por toda a ajuda que tive sempre que precisei. Obrigada por tudo!

Agradeço ao meu noivo Gean Gouveia que foi muito paciente em minhas ausências, ajudando sempre que possível na realização deste trabalho. Esteve do meu lado, dando força durante toda essa etapa da minha vida.

Agradeço aos meus colegas por todo o tempo de convívio, pelas conversas, risadas e reflexões.

Gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Edison Cruxen, que começou este trabalho comigo, pelas orientações e aprendizado que obtive.

Agradeço também aos funcionários do Cemitério das Irmandades e a todos os entrevistados que aceitaram e dedicaram um pouco do seu tempo para que eu pudesse fazer os relatos da pesquisa.

Por fim, gostaria de agradecer imensamente a minha orientadora Prof. Dr.^a Letícia de Faria Ferreira, sempre disposta a ajudar, não medindo esforços nas orientações e me acompanhando muitas vezes ao Cemitério para fotografar e refletir sobre meu trabalho. Muito obrigada pela dedicação!

Si nada nos salva de la muerte, al menos que el
amor nos salve de la vida.

Pablo Neruda

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo fazer uma análise do Cemitério das Irmandades na cidade de Jaguarão/RS, tendo em vista sua importância histórica analisaremos as fontes escritas existentes, como também o local, através dos relatos da pesquisa de campo. O cemitério é do século XIX e esta pesquisa busca identificar se existe uma hierarquização no espaço cemiterial, bem como compreender a forma que os indivíduos buscavam representar a sua importância através da morte.

Palavras-chave: Cemitério. Cemitério das Irmandades. Jaguarão

ABSTRACT

This study aims to analyze the Cemitério das Irmandades in the city of Jaguarão/RS, given its historical significance analyze existing written sources, as well as the location, through field research reports. The cemetery is the nineteenth century and this research seeks to identify whether there is a hierarchy in cemeterial space as well as understand the way that individuals sought to represent its importance through death.

Keywords : Cemetery. Cemitério das Irmandades. Jaguarão

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Frente do Cemitério das Irmandades	28
FIGURA 02 – Guarita dos Ossos	30
FIGURA 03 – Livro de Ata dos Carneiros.....	31
FIGURA 04 – Livro de Ata dos Recibos.....	31
FIGURA 05 – Livro de Ata dos Registros de Óbitos.....	32
FIGURA 06 – Livro Tombo da Igreja.....	34
FIGURA 07 – Placa dos Acatólicos	39
FIGURA 08 – Jazigo do menino afrodescendente	40
FIGURA 09 - Jazigo do menino afrodescendente.....	40
FIGURA 10 – Capela do Cemitério no Dia dos Finados.....	41
FIGURA 11 – Placa da entrada do Cemitério	43
FIGURA 12 – Jazigo com placa em mármore	44
FIGURA 13 – Ala dos “acatólicos”	44
FIGURA 14 – Túmulo simples	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CEMITÉRIOS, IRMANDADES E A MORTE	13
1.1. Leituras sobre cemitérios	13
1.2. As Irmandades	16
1.3. A mudança de costumes	18
1.4. A morte	22
1.5. Arte funerária	24
2. A TRAJETÓRIA DA PESQUISA: EM BUSCA DAS FONTES	28
3. RELATOS E ANÁLISE DO CEMITÉRIO DAS IRMANDADES	36
3.1. Encontros no Cemitério: relatos de pesquisa	38
3.2. Análise do Cemitério das Irmandades	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	47
ANEXOS	50

INTRODUÇÃO

O Cemitério das Irmandades, localizado na cidade de Jaguarão (RS), fica situado no alto da cidade, construído em meados do século XIX. Observando a importância que o Cemitério possui para a população de Jaguarão e os mistérios advindos de sua história, resolvi ter como objeto de pesquisa este local que muito se conhece, mas pouco se tem registros de sua história. Com isso, este trabalho tem a finalidade de pesquisar, através de relatos e de análises, o valor que este local possui para a cidade, e sua diversidade tanto na questão das pessoas ali enterradas, quanto na riqueza das construções presentes no cemitério.

O cemitério é conhecido como cemitério dos “ricos”, a partir desse aspecto, com a saída de campo e com uma análise do espaço cemiterial, veremos questões a respeito da hierarquização do cemitério, assim como a distinção da classe social bem visível quando se entra no local, e que várias vezes passa despercebido aos olhos da população que ainda chama aquele espaço de cemitério “dos ricos”.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi utilizado historiografias existentes sobre o lugar, algumas fontes escritas encontradas nas saídas de campo e relatos de pesquisa, onde foram entrevistadas pessoas que integram de alguma forma o Cemitério das Irmandades. Dessa maneira, veremos a seguir como foi organizado o trabalho.

No primeiro capítulo discorreremos sobre uma abordagem de duas historiografias de cemitérios distintos, também será apresentado o que eram Irmandades, o que faziam e como enxergavam a morte, frisando que se trata da forma de ver a morte na sociedade ocidental europeia, e logo após, mostraremos a arte funerária e suas representações através dos monumentos.

Já no segundo capítulo apresentaremos as historiografias existentes sobre o Cemitério das Irmandades e a trajetória da pesquisa, salientando a dificuldade encontrada na procura por fontes escritas, que infelizmente no caso do cemitério essas fontes são bastante escassas. Por isso, além das poucas fontes existentes, os relatos orais foram fundamentais, compondo desse modo uma análise geral do Cemitério das Irmandades.

Por fim, no terceiro capítulo, faremos a discussão com os relatos coletados, onde escolhemos duas pessoas que, de uma forma ou outra fazem parte da história do cemitério,

nesse caso, o atual administrador e o vice-diretor do cemitério e em seguida mostraremos uma análise do espaço cemiterial, em que discutiremos sobre o que se percebe do local.

Através desses três capítulos, busca-se entender melhor esse espaço. Percebe-se uma grande variedade de construções, de etnias e condições sociais, tudo em um único espaço onde todos conhecem como “dos ricos”, que por fim não é bem assim. Há muitos jazigos grandiosos, mas há também vários túmulos bem simples que mesmo assim não perdem sua beleza.

CAPÍTULO 1

CEMITÉRIOS, IRMANDADES E A MORTE

Este primeiro capítulo tem como objetivo fazer uma revisão da abordagem realizada pela historiografia sobre cemitérios, considerando duas obras que analisam cemitérios no sul do Brasil. Veremos também como as Irmandades funcionavam e como era a ligação do homem com a morte, e, no decorrer do capítulo analisaremos ainda aspectos da arte funerária e suas representações contidas nas construções fúnebres.

1.1. Leituras sobre cemitérios

O cemitério é o local onde se enterram os mortos¹, mas também é um lugar que traz muitos significados, nele podemos estudar a genealogia, as crenças religiosas, as ideologias políticas e, sobretudo, analisar a comunidade e sua classe social por meio das representações e simbologias presentes nos túmulos. Para a abordagem historiográfica será trabalhado dois textos de cemitérios diferentes, um em Santa Catarina e outro no Rio Grande do Sul.

O estudo do cemitério de Santa Catarina foi realizado por Julia Massucheti Tomasi, atualmente doutoranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), possui experiência na área de História com ênfase no estudo da morte e atua nos temas de ritos funerários, luto, cemitérios e morte, também, participa da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC)². A primeira análise será feita do artigo feito para a Revista *Habitus* no ano de 2012, este artigo, foi realizado a partir de um dos capítulos do Trabalho de Conclusão de Curso de Tomasi, defendido em 2010, que trabalhou o cemitério da cidade de Urussanga, localizada no sul de Santa Catarina, local que recebeu uma grande quantidade de imigrantes no final do século XIX, vindos de várias partes da Itália, tornando a cidade o principal centro da colonização italiana do sul do estado catarinense. Os padres da cidade tinham influência nos ritos fúnebres, e a Igreja, por mais de meio século controlava o

¹ Recinto em que se enterram os mortos, necrópole. BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 1996.

² Dados retirados do Currículo Lattes.

cemitério, além de intervir nos ritos da morte, também interferia, muitas vezes, na vida social da população urussanguense. (TOMASI, 2012)

De acordo com Tomasi, o cemitério era localizado no centro da cidade, atrás da Igreja Matriz de Urussanga e foi inaugurado alguns anos após a chegada dos imigrantes. Primeiramente, o cemitério foi criado para enterrar uma menina na mata que existia nos fundos da Igreja, ela foi enterrada de baixo de uma árvore para não perder o local do sepultamento, pois só havia mato naquele lugar, a partir daí limpavam toda a área e fizeram o cemitério. No final da década de 1940, por falta de espaço houve a necessidade de procurar um terreno espaçoso e afastado do centro urbano para a construção de um novo cemitério. Dessa maneira, o cemitério atrás da Igreja teve que ser transferido para o atual cemitério municipal de Urussanga, inaugurado em 1952. (TOMASI, 2012)

Deslocar o cemitério do centro da cidade para lugares mais afastados, cabe destacar, não é especificidade da cidade de Urussanga, “parte dos cemitérios brasileiros, no fim do século XIX e início do XX, foram retirados das proximidades das igrejas e dos centros das cidades e deslocados para regiões afastadas das habitações e do comércio”. (TOMASI, 2012, p. 56) Entre os motivos, está o devido crescimento urbano e o medo da transmissão de doenças que poderiam causar à população, elemento também presente em Jaguarão quando houve a epidemia de cólera. Pelo espaço cemiterial ser considerado foco de doenças, por motivos sanitários e de higiene, os cemitérios passaram a ser transferidos para lugares arejados e longe da malha urbana. (TOMASI, 2012)

Segundo a autora, além desses dois cemitérios, o antigo e o atual, existem diversos cemitérios na cidade, como também na parte rural, destacam-se pela beleza arquitetônica e de preservação. O que se percebeu na maioria dos cemitérios de Urussanga é a sua construção ao lado de capelas ou Igrejas e grande parte dos túmulos são covas simples com cruzeiras trabalhadas no metal, sendo essas as suas características principais.

Passando para o cemitério do Rio Grande do Sul, a análise será do Cemitério da Matriz, localizado na cidade de Porto Alegre. O texto³ analisado foi organizado por Harry Bellomo em 2008, nele são trazidos vários artigos relacionados à cemitérios, falando sobre arte e a sociedade. Harry Bellomo, atualmente é professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), tendo experiência na área de História, com ênfase

³ BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

em História Antiga e Medieval, atuando nos temas de arte funerária, tipologias, artistas e ateliers⁴. O trabalho retirado do livro e utilizado para essa análise foi realizado por Lucas Silva da Silva, mestre em História pela PUCRS.

Conforme Silva, o Cemitério da Matriz, foi a primeira necrópole de Porto Alegre, hoje não existido mais, localizava-se nos fundos da Igreja Matriz, onde atualmente encontra-se a Cúria Metropolitana. Por mais de meio século foi o principal campo-santo da cidade, que começou a funcionar em 1772 e foi fechado em 1850, logo após a construção do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, situado na Azenha. (SILVA, 2008) Como de costume cristão, toda Igreja possuía um cemitério nos arredores, destinado ao sepultamento de seus fiéis, no caso de Porto Alegre, foi o Cemitério da Matriz. Segundo o autor, acredita-se, que antes do seu funcionamento existiam dois terrenos destinados ao enterro dos mortos. Porém é uma suposição, pois nesses dois terrenos foram encontrados uma quantidade relativa de ossos humanos, mas precisa-se de um esclarecimento maior, visto que são raras as informações sobre o começo da organização espacial de Porto Alegre. De acordo com o primeiro livro de registro de sepultamento, o Cemitério da Matriz destinava-se a qualquer pessoa, sem distinção étnica, social ou jurídica, e até mesmo o registro e o enterro eram gratuitos principalmente aos indigentes e aos pobres. Quem desejava um lugar melhor dentro da necrópole, pagava uma quantia pelo sepultamento ao pároco. No interior da Igreja também possuía espaços destinados aos restos mortais, mas, somente membros ilustres do clero e poucas pessoas da sociedade local. (SILVA, 2008)

Silva apresenta que a falta de organização, a superlotação e o local onde o cemitério era localizado começaram a ser discutidos. O espaço urbano de Porto Alegre no século XIX começou a ganhar forma e novas ruas foram feitas, assim surgiram novas construções. Dessa forma não demorou para que o Cemitério da Matriz fosse envolvido pelo espaço urbano. Outro fator que determinou o fechamento deste cemitério foi o terreno em que ele era construído, era uma área em declive, o que ocasionava a dificuldade de manutenção, principalmente nos dias de chuva, pois a erosão causada pelas precipitações, muitas vezes descobria as sepulturas, deixando os cadáveres expostos para fora das suas covas. (SILVA, 2008)

Esses problemas se inserem em um contexto que se iniciava no Brasil: a retirada das necrópoles dos centros urbanos para locais mais afastados. Como visto no cemitério de

⁴ Dados retirados do Currículo Lattes.

Urussanga, existia também em Porto Alegre e na maioria das outras cidades, a preocupação com a saúde pública, de que esses cemitérios localizados no centro pudessem causar males à população. Em 1843, uma Comissão Sanitária formada pela Câmara Municipal havia pensado nos altos do Bairro Azenha, como local apropriado para a construção de uma nova necrópole. Após vários adiamentos, em 1850, foi inaugurado o novo Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, em funcionamento até os dias atuais, e assim, o Cemitério da Matriz deixou de funcionar naquele mesmo ano. (SILVA, 2008)

1.2. As Irmandades

Como este trabalho pesquisa o cemitério e duas Irmandades, neste momento será feito uma contextualização sobre o que eram essas Irmandades. As confrarias, divididas em irmandades e ordens terceiras⁵, existiam desde o século XIII em Portugal, dedicando-se a caridades entre seus membros e também pessoas carentes não associadas à irmandade. (REIS, 1991) Para o seu funcionamento, era preciso encontrar uma igreja que a acolhesse, ou então construir uma. Em geral, cada igreja acomodava diferentes confrarias, onde veneravam seus santos em altares laterais, eram sustentadas por seus membros através de anuidades, joias de entrada, esmolas coletadas periodicamente, rendas de propriedades, entre outros, esses recursos arrecadados eram utilizados pelos irmãos e em caridade pública, como em igrejas, hospitais, cemitérios, asilos, festas anuais, etc. (REIS, 1991) No Brasil, a constituição dessas confrarias teve base nas Santas Casas de Misericórdia de Portugal, tendo como deveres ajudar com comidas, água, roupas, visitar doentes e presos, dar abrigo aos viajantes, e até enterrar os mortos. (BOXER, 1969 apud MORTARI, 2000). Além disso, tinham outro dever, o de promover a liberdade dos escravos sempre que possível, utilizando os fundos arrecadados. Nesse sentido, a irmandade, que era uma instituição elaborada e organizada a partir de um modelo europeu de associação e devoção, baseada na Igreja Católica, acabou se constituindo

⁵ As confrarias, irmandades e ordens terceiras eram associações para fins religiosos. “Foram instituições fundamentalmente marcadas pela participação ativa dos leigos na organização da vida religiosa. Desta forma, grande parcela da sociedade, que incluía homens e mulheres tanto das camadas mais pobres quanto das mais abastadas, agremiava-se nelas com o intuito de cultuar seus santos, buscar a proteção diante das contingências da vida e da morte, encontrar pessoas, estabelecer relações e praticar a caridade. Tais instituições foram responsáveis por promover a religiosidade entre os iguais, por prestar assistência a seus associados, por arremeter seus irmãos em torno da devoção do santo protetor e por estimular, portanto, a devoção e o amor ao próximo”. GOMES, Daniela Gonçalves. **As ordens terceiras em Minas Gerais: suas interações e solidariedades no período ultramontano (1844-1875)**. Revista Brasileira de História das Religiões - ANPUH, Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009.

em um lugar em que, africanos e afrodescendentes, escravos, livres e libertos, cultivaram inúmeras estratégias, ampliando a sua autonomia. (MORTARI, 2000) As confrarias eram constituídas como associações corporativas geralmente fundadas nas hierarquias sociais, na qual havia laços de solidariedade tendo o papel de dar representatividade a seus membros. (REIS, 1991 apud MORTARI, 2000)

Nas irmandades, a morte era uma das principais preocupações entre os devotos, procuravam ter um enterro decente para si e seus familiares, ao contrário do que se acredita hoje, não havia uma separação radical entre: a vida e a morte, o sagrado e o profano, a cidade dos vivos e a dos mortos, não que a morte não causasse temor, temia-se a morte sem preparação, sem aviso, sem funeral e sepultamento adequados, porém, “desde que os vivos cuidassem bem de seus mortos, enterrando-os segundo os ritos adequados, eles não representariam perigos espiritual ou físico”, (REIS, 1991, p. 74) sendo assim, marcavam a passagem para o outro mundo. Por exemplo, em Minas Gerais no século XVIII, a morte era algo perturbador, o que importava era a salvação da alma. (LACET, 2003)

Os portugueses acreditavam em um julgamento, tinham a concepção de que bons e maus teriam destinos diferentes. O homem pretendia alcançar a “boa morte”, para isso era preciso estar em dia com a confissão, comunhão, eucaristia, etc, porém temia a chamada “má morte”, que consistia em afogamento, assassinato, acidente, entre outros, significando uma desgraça maior que a própria morte. (LACET, 2003) A morte deveria ter uma cerimônia pública e organizada, sendo realizada pela família com ajuda da Igreja através das irmandades, que proporcionavam condições para que se tivesse uma “boa morte”. Para a sua preparação era fundamental os sacramentos, esses eram: a extrema-unção, a penitência e a eucaristia, e, além disso, era essencial o cortejo, a sepultura e as missas. O luxo poderia faltar durante a vida, mas deveria haver no último momento de existência, eram as irmandades que organizavam a cerimônia, “elas zelavam para que, na morte de um associado, os irmãos saíssem ‘em pompa’”. (LACET, 2003, p. 30) Fora o cortejo, o lugar de sepultamento era muito importante, sendo, a igreja, o local privilegiado para isso,

[...] as sepulturas estavam associadas ao local onde Cristo era o senhor, eram a casa de Deus, sob cujo teto, entre imagens de santos e de anjos, deviam também abrigar os mortos, até a ressurreição prometida para o fim dos tempos. (LACET, 2003, p. 30)

Segundo Lacet, a proximidade entre o cadáver e as imagens divinas representava uma proximidade espiritual que o indivíduo desejava ter lá de cima, entre as divindades e a alma, sendo a Igreja uma das portas de entrada do Paraíso. (LACET, 2003)

1.3. A mudança de costumes

A partir do século XVIII, ocorreu uma reprovação nos países europeus das práticas de enterros em ambientes fechados, em específico, no interior das igrejas. Esse método de sepultamento era considerado inadequado e não recomendado, devido aos padrões de higiene e de saúde pública à população da época. (FOCHI, 2010) Iniciou-se um processo de retirada dos cemitérios dos centros da cidade para locais fora dos limites urbanos. Na França e em Portugal ocorreu a denominada “revolução dos cemitérios”, foi essa retirada de cemitérios dos centros urbanos e construções novas em locais afastados. Essas alterações foram idealizadas e realizadas por médicos, parlamentares, intelectuais e alguns eclesiásticos. (FLORES, 2006)

A mudança ocorrida na Europa, defendida pelos higienistas e cientistas, em relação à localização dos cemitérios, aconteceu devido ao crescimento dos centros urbanos nas cidades, o afastamento entre vivos e mortos tornou-se necessário, era uma forma de garantir a segurança higiênica dos indivíduos, pois “os cemitérios representavam um antro putrefato e depositário de doenças”. (SANTOS, et al 1996 apud FOCHI, 2010, p. 67) Nesse período, a burguesia europeia, favorecida de poder econômico, concedeu aos novos cemitérios a céu aberto, “possibilidade de manifestação e expressão da sua ascensão social com a suntuosidade e monumentalidade dos jazigos nos cemitérios”. (SOARES, 2007 apud FOCHI, 2010, p. 67). Com essas preocupações em evidência,

[...] os países receptores da cultura europeia passaram a transferir seus cemitérios para longe dos centros urbanos, em locais protegidos por grandes muros e com acesso mais restrito. Assim se processou, gradativamente, o afastamento entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos (SANTOS et al, 1996 apud FOCHI, 2010, p. 67).

No Brasil, diferentemente da Europa, as igrejas no século XIX, ainda eram consideradas à casa de Deus, e local de abrigo dos mortos. Havia uma hierarquia da

distribuição espacial e do tipo de sepultura, cada um tinha espaços distintos, desde escravos, homens livres, pobres, ricos, nobres, entre outros, assim “o lugar de sepultamento era um aspecto importante no reconhecimento das estratificações e disposições sociais e da própria identidade do morto”. (REIS, 1991 apud FOCHI, 2010, p. 67).

O início do século XIX marcou uma grande transformação nos costumes fúnebres urbanos no Brasil. Foi através da carta régia de 14 de janeiro de 1801, que o príncipe de Portugal ordenou ao governador da província de São Paulo que em cada cidade fosse escolhido um terreno para construção de um cemitério, tendo uma distância da cidade, pois “a ideia da morte suja e dos perigos da decomposição dos cadáveres havia sido gestada lentamente na Europa, sendo explicitada no ambiente católico durante o século XVIII”. Porém, no Brasil, o modelo da morte suja não chegou com a mesma velocidade, a maior parte do século XIX foi de negociações e rearranjos em torno da espacialidade e do significado que os vivos atribuíram aos mortos. (CYMBALISTA, 2002) Somente no decorrer do tempo a problemática dos cemitérios urbanos começou a preocupar a organização das cidades e da saúde pública, dessa forma,

o Império brasileiro tentava promover melhorias nas condições de salubridade não só da Corte como também de todo o território do Império. Com a lei imperial de 28 de outubro de 1828, as funções das Câmaras Municipais foram regulamentadas, incluindo a responsabilidade pela urbanização das cidades e a criação de cemitérios fora dos templos. Essa preocupação com a saúde pública se intensificou após as crises epidêmicas (febre amarela e cólera) que abalaram o Império na década de 1850, favorecendo assim, a implementação de uma política de construção dos cemitérios extramuros. Foi nesse período de epidemias que foi criada a Junta Central de Higiene Pública, a qual tinha, entre outras atribuições, o objetivo de estudar propostas de melhorias, fiscalizar e intervir nas questões relativas à saúde pública. (FLORES, 2006, p. 82)

Durante o século XIX, ocorreu o desenvolvimento da medicina higienista e com isso a preocupação com a saúde pública, acreditava-se que um cemitério localizado em meio a uma povoação poderia ocasionar males à saúde da população, pois a decomposição dos cadáveres produziria gases, os miasmas, e, seriam prejudiciais aos vivos. “A proximidade entre os corpos em decomposição e os seres vivos, homens e animais, poderia transmitir doenças ao contaminar o ar e a água que estivessem próximos às exalações pútridas”. (FLORES, 2006, p. 78) Para evitar o risco de contaminação, a construção dos cemitérios extramuros seguia alguns princípios fundamentais: tinham que ser construídos fora do limite urbano, em um

local arejado com circulação do ar e longe dos lençóis de água; estar resguardados por um muro; os corpos tinham que ser enterrados em covas separadas; por fim, ser das autoridades públicas a administração e inspeção desses locais e não sendo mais cargo dos eclesiásticos. (FLORES, 2006) Conforme alertavam os higienistas dos grandes riscos de contágio por causa da proximidade entre o ambiente dos mortos e dos vivos,

foram grandes as dificuldades e vários obstáculos tiveram que ser transpostos, principalmente uma mudança na mentalidade popular, para que essas alterações fossem processadas. Era extremamente difícil convencer as pessoas a modificar os seus hábitos seculares, o que tornou o processo de separação entre os ambientes físicos dos mortos e dos vivos penoso e demorado. (FLORES, 2006, p. 78)

A convivência com a morte era algo normal ao cotidiano das cidades até então, tendo em vista que, os sepultamentos eram feitos próximos de onde a população circulava. Diante da preocupação das autoridades, no Portugal oitocentista, foram estabelecidas algumas leis de higiene e de salubridade, relativas aos cemitérios e sepultamentos:

- 1º. Que em todas as povoações fossem estabelecidos cemitérios públicos para neles se enterrarem os mortos;
- 2º os terrenos a isso destinados deveriam ter extensão suficiente, a fim de que as sepulturas pudessem ser abertas de cinco em cinco anos;
- 3º os cemitérios deveriam situar-se fora dos limites das povoações e ter exposição conveniente para a salubridade;
- 4º deveriam ainda estar resguardados por um muro de não menos de dez palmos de altura;
- 5º cada corpo seria enterrado em cova separada, a qual teria pelo menos cinco palmos de profundidade e à distância de palmo e meio das outras covas. A sua administração e inspeção passam a pertencer às autoridades políticas. (FLORES, 2006, p. 79)

Como vimos anteriormente, uma das principais modificações colocada por essa nova regra, foi de que a administração dos cemitérios não pertenceria mais à Igreja e passaria à administração pública. “Essa separação entre o público e o religioso permitiu a laicização dos cemitérios durante o oitocentos europeu”. (FLORES, 2006, p. 80) Os sepultamentos nos novos cemitérios públicos, a princípio,

deveriam ser realizados de forma igual para todos os indivíduos, mas, na prática, não era exatamente desta maneira que tais ritos acabavam acontecendo. Em Portugal, nos anos de 1868 e 1872, o poder monárquico ordenou que os cemitérios destinassem espaços para os sepultamentos dos indivíduos que não professavam a fé católica. Também, que esses espaços deveriam ser separados, por um muro, do terreno utilizado para o sepultamento dos católicos. A segregação religiosa acabou ocasionando uma nítida separação social entre católicos e não-católicos, expressa através da construção desses cemitérios. (FLORES, 2006, p. 80)

Dentro da sociedade moderna, cada vez mais, crescia a individualização da morte, ou seja, as construções de sepulturas exaltavam o sujeito e a individualidade, com a intenção de assegurar os direitos básicos de sua existência. As sepulturas os faziam estar “presentes” nesta sociedade, a qual, fisicamente, não faziam mais parte. Dessa forma, começou a surgir uma identidade individual dentro dos cemitérios, e, essa individualização que crescia, estava em sintonia com a sociedade de então,

o planejamento para a construção dos novos cemitérios seguia práticas arquitetônicas segundo a lógica da cidade dos vivos e táticas de dissimulação e anulação da morte. A “inserção” dos mortos na sociedade se fez a partir da manutenção de suas memórias, em que para isso eram realizadas missas em prol de suas almas e, sepulturas e jazigos a saltar aos olhos eram erigidos. Com esses meios, pensava-se que a memória do morto permaneceria presente por muito tempo, não apenas na lembrança dos seus familiares, mas de toda essa sociedade. (FLORES, 2006, p. 81)

Os novos cemitérios começaram a ser planejados semelhantes às cidades, com ruas, quadras, estátuas, árvores e jardins. Os jazigos e túmulos simbolizavam a moradia dos indivíduos mortos, “a estruturação bem planejada, com aspecto organizado e limpo, também foi sendo utilizada para minimizar e dissimular as imagens da morte e do corpo morto, a fim de encobrirem o inevitável e tentar domesticar o temor da morte”. (FLORES, 2006, p.81)

Como já visto, havia uma tradição que consistia em enterrar os mortos nas igrejas, “o mais modestamente possível” (BELLOMO, 2008, p. 23). Com a chegada da família real, começaram a aparecer os primeiros jazigos significativos no Rio de Janeiro, assim, os membros da nobreza eram enterrados em construções monumentais, e somente após a proibição definitiva de sepultamentos nas igrejas houve surgimento dos cemitérios “com túmulos cada vez mais grandiosos”. (BELLOMO, 2008, p. 23) Não demorou muito para que a melhoria da qualidade de vida, o crescimento da população, o êxodo rural, favorecessem a

ocupação de regiões em torno dos núcleos urbanos, assim, os locais onde se encontravam os cemitérios foram pouco a pouco sendo rodeados por residências, “aproximando novamente o mundo dos mortos e o mundo dos vivos”. (FOCHI, 2010, p. 68)

1.4. A morte

Ao longo do tempo a morte assumiu várias concepções, dentre elas, a vida após a morte, a crença dos faraós em guardar os corpos mumificados em tumbas no interior das pirâmides, a ideia de paraíso cristão, a imortalidade da mente pelos testamentos, entre outras, sendo formas que fazem parte de um sistema mental e cultural herdado por populações de diferentes contextos e épocas. (FOCHI, 2010) Pois,

por mais infelizes ou felizes que sejamos, os valores de nossa sociedade e nosso próprio corpo nos impelem a lutar pela imortalidade, mas considerando que sabemos, por experiência, que um dia morreremos procuramos soluções que nos façam crer que somos imortais (FROMM, 1987, p. 92 apud FOCHI, 2010, p. 63).

A morte era vista como um novo estado de vida, não existindo a noção de eternidade na cultura ocidental europeia. Por esse motivo, eram enterrados junto aos indivíduos armas, roupas, comidas, para que essas pessoas pudessem viver esse momento distinto da vida. Nesse sentido, era feito o banquete fúnebre para marcar a mudança de estado do indivíduo, e manifestar a perda individual e do grupo. (MORIN, 1970 apud SIQUEIRA, 2013) Somente com a inserção do desejo de imortalidade é que ocorre uma mudança no conceito de morte, ligada à religião, a imortalidade está vinculada ao medo da morte e ao assombro de não saber lidar com essa situação. No modo como cada sociedade trata seus cadáveres é possível notar as ideias, preconceitos e visão de mundo de uma determinada época. (CHIAVENATO, 1998 apud SIQUEIRA, 2013)

Por exemplo, no Egito, há um uso ideológico da morte como um elemento do sistema de dominação, contribuindo para o condicionamento ideológico da população, tendo assim, papel religioso, político e social. Todas as ideias em torno das figuras dos deuses e personalidades demonstrava o sistema de dominação ideológica. (ARIÈS, 1982, apud SIQUEIRA, 2013) Os gregos viam a morte diferente dos egípcios, seu rito fúnebre era a

cremação, utilizado para marcar a nova condição do indivíduo, a passagem para a imortalidade. (MORIN, 1970, apud SIQUEIRA, 2013) Além dos ritos fúnebres marcarem a passagem do morto para outro plano, existia outra função, a de separar os vivos dos mortos. Nesse sentido, na Roma Antiga, era proibido o enterro dentro da cidade, pois tinha de haver um afastamento entre vivos e mortos. Foram desenvolvidas estratégias que garantissem a permanência dos mortos longe dos vivos, como: “fechar os olhos do morto para não encontrar o caminho de volta; colocar uma pedra em sua cova para impedi-lo de levantar-se, etc.” (CHIAVENATO, 1998 apud SIQUEIRA, 2013, p. 10)

Os modos de ver a morte revelam a visão de mundo de grupos sociais diferentes. Na Idade Média, a Igreja apoderou-se da morte utilizando-a como mecanismo de dominação, tendo como principal exemplo o sacrifício de santos e heróis das cruzadas. A divisão das classes e a desigualdade social também são evidenciadas na morte no medievo, pois religiosos e nobres eram enterrados dentro das igrejas, perto de Deus e de santos, enquanto aos pobres era oferecida apenas a vala comum. (BRAET; VERBEKE, 1996 apud SIQUEIRA, 2013) Apesar de existir o medo da morte nesse período, devido a guerra, a peste e a fome, nota-se a importância dos ritos fúnebres, sendo que

a celebração da morte estabelece a autoafirmação de um grupo social, indicando sua duração em determinado tempo/espço. Dessa forma, destaca-se a importância da sepultura como um local da memória individual e coletiva de um grupo social (BRAET; VERBEKE, 1996 apud SIQUEIRA, 2013, p. 10).

Já na Idade Moderna a morte era associada a uma ruptura cruel e violenta da vida, o medo da morte tinha relação com as lendas de mortos vivos e com o pavor das pessoas em serem enterradas vivas e, muitas vezes, esse sentimento era manifestado nos testamentos. (CHIAVENATO, 1998 apud SIQUEIRA, 2013) No século XIX, diferente dos conceitos anteriores, surge a “morte suja” influenciada tanto pelos cientistas quanto pela burguesia. Tendo em vista uma preocupação sanitária e de saúde, os cemitérios passaram a ser construídos longe das cidades, evitando a proliferação de doenças. Mesmo com essa preocupação, foi nesse século que a noção de morte foi influenciada pelo olhar romântico, muitas vezes havendo uma fuga da realidade, é um dos períodos mais marcantes do luto “sendo a ‘morte do outro’ responsável por desencadear uma terrível perda para o seio da

sociedade, reflexo dos valores burgueses da época”. (ARIÈS, 1982 apud SIQUEIRA, 2013, p. 11).

Em oposição, no início do século XX, acontece uma mudança no modo de encarar a morte, a figura da morte é negada e silenciada, o luto, rito social importante também foi silenciado cada vez mais, privilegiando-se a contentação da dor. (VOVELLE, 1993 apud SIQUEIRA, 2013). Surge um novo contexto, chamado de “morte invertida”, onde o local de morte não é mais domiciliar e com acompanhamento dos familiares, e sim uma morte hospitalar e solitária. Para Elias (2001) existe um sentimento de medo e de constrangimento referente ao fim da vida, por isso atualmente as pessoas preferem “fugir” desse sentimento isolando os moribundos. A questão não é somente a morte, mas a partida antecipada, o envelhecimento, pois se o indivíduo foge desse pensamento de envelhecer evita também a idéia da morte, dessa forma, como os moribundos representam a finitude da vida muitas pessoas preferem isolá-los,

podemos ajustar nossas vidas, e particularmente nosso comportamento em relação às outras pessoas, à duração limitada de cada vida. Podemos considerar parte de nossa tarefa fazer com que o fim, a despedida dos seres humanos, quando chegar, seja tão fácil e agradável quanto possível para os outros e para nós mesmos. (ELIAS, 2001, p. 7)

Os indivíduos que morrem tem um velório cada vez mais breve, em um ambiente que desconstrói a morte, com o fim de silenciar a dor da perda, ou seja, o luto foi desaparecendo e com ele os momentos de dor dedicados à morte de alguém querido. Dessa forma a morte tornou-se um tabu, com isso podemos observar um fenômeno de banalização e muitas vezes uma indiferença em relação ao desaparecimento de um indivíduo, como se essa recusa em enxergar a morte pudesse afastá-la. (ARIÈS, 1982 apud SIQUEIRA, 2013).

1.5. Arte funerária

De acordo com Bellomo (2008), existem dois aspectos básicos da arte funerária, “a relação da produção artística com as crenças religiosas e a necessidade de manter a relação do modo com o mundo material que ele abandonou, destacando principalmente seu papel na

sociedade em que viveu”, ou seja, o indivíduo precisava deixar algo marcando a sua existência, que de uma maneira ou outra o mantivesse vivo, transmitindo uma mensagem sobre quem está ali, “a morte, apesar de ser uma experiência pessoal, apresenta especificidades de classe, família, cultura e religião”. (BELLOMO, 2008, p. 43)

A igualdade dos homens perante a morte no discurso religioso é sempre destacada, porém na realidade essa igualdade não existe porque as classes sociais dominantes impõem uma imagem de morte, criando um grande monumento para ressaltar seus valores, assim, a “arte funerária passa a ser mais um elemento diferenciador das classes sociais”. (BELLOMO, 2008, p. 44) Podemos utilizar as imagens, como algo funcional e simbólico, pois estátuas, pinturas e a arquitetura mostram a importância das pessoas que ali estão sepultadas. Para Debray (1994), as imagens, estátuas e símbolos devem ser pensados como representações, elas tornam presente alguém que está ausente, fazendo uma mediação entre a realidade concreta e uma abstração, implicando assim em uma função de comunicação. Essa simbologia era utilizada por pessoas importantes em sua sociedade que, de alguma forma, encontraram um jeito de se immortalizar. Dessa forma, criavam uma reprodução de si, seja do próprio corpo ou do seu rosto, presentificando-o e immortalizando-o na sociedade, sendo lembrado constantemente por quem foi e como se destacou, “a verdadeira vida está na imagem fictícia e não no corpo real”.⁶ (DEBRAY, 1994, p. 26)

Através das estátuas e da arquitetura, o indivíduo sai da vida para entrar na eternidade como uma forma de manter sua memória viva para todo o sempre, pois um dos grandes medos do homem em relação à morte é ser esquecido, então a produção de imagens suas é uma maneira de enfrentar esse medo, prolongando assim sua existência entre seus familiares, amigos e para a comunidade em geral. Ter seu ego imunizado em uma imagem é o melhor que acontece, já que é sua melhor parte, colocará sua melhor representação, concebendo uma vitória sobre a morte, ela não lembra a morte ou derrota e sim a eternização do indivíduo e representação dele. Os cristãos trazem a ideia de morte como renascimento, o indivíduo deixa de viver no corpo material para alcançar a eternidade, seria o fim de uma etapa e o começo de outra. Nesse sentido, a estátua representa o renascimento da pessoa, é um ser em forma de objeto, e a estátua é um objeto em forma de ser. Se a vida é o conjunto de forças que resiste à

⁶ Fotos de dois túmulos em ANEXO 1 e ANEXO 2 mostrando a ideia de distinção social. Uma preocupação que algumas famílias tinham com a morte, pois sempre que possível demonstravam seu poder através dos jazigos.

morte, a imagem é uma força vital em que a figura representa a sua prorrogação e alegria da existência. (DEBRAY, 1994)

O conceito de representação concebe um apoio às variadas relações que os indivíduos cultivam com o mundo social, tendo em vista a hierarquização mediante a percepção da realidade, as práticas e signos que fazem reconhecer uma identidade social, o significado simbólico de status ou poder e a maneira que presentificam uma comunidade. Muitas vezes as construções cemiteriais são representadas por formas simbólicas, ou seja, signos ou símbolos. De acordo com Fernandes (2000), o signo é dotado de significado, permitindo um acesso intersubjetivo como exemplo, as palavras. Pode ser signo sonoro ou escrito, por se permitir serem lidas ou escritas, ou seja, o significado está internalizado nos símbolos presentes nos jazigos da maioria dos cemitérios de todas as partes, cada símbolo representa algo da pessoa enterrada ali, uma cruz, por exemplo, é um signo, e seu significado é que a pessoa enterrada naquele local é um cristão, assim como existem símbolos que representam famílias, entre outras coisas.

Os cemitérios apresentam importantes fontes de conhecimento histórico, neles podem ser identificados valores, crenças, estruturas socioeconômicas, etc, de uma determinada sociedade. Levando em conta a ideia de que se pode entender o espaço cemiterial, é possível identificar na arte funerária as concepções presentes no local através das construções, estátuas e símbolos. (BELLOMO, 2008) A partir disto, iremos identificar algumas concepções religiosas evidenciadas nos cemitérios, que são: a cruz que é um dos principais símbolos do cristianismo, nela está a ideia da morte e da ressurreição de Cristo pelo fato dele ter morrido na cruz, é encontrada em praticamente na maioria dos cemitérios; o ramo de palma que tem um significado de vitória e alegria, na concepção cristã está associado à paz, vida eterna e ressurreição. Porém pode representar duplo sentido, como por exemplo, o sofrimento e martírio pela morte e o triunfo e glória por alcançar o reino de Deus; as flores, em que o tipo de flor mais encontrada é a rosa, possui mais de um significado. No caso da rosa vermelha pode ser considerada como o sangue de Cristo (rosas vermelhas), a virgindade feminina e a ideia do amor divino. Outra representação das flores é a de coroa, cujo significado é a salvação alcançada, ou também pode ser o símbolo da saudade, utilizado constantemente nos funerais; a pomba que representa a conciliação com Deus, passando a ser o símbolo da paz, também pode representar o Espírito Santo que no batismo de Cristo assume a forma de pomba; o coração que pode significar a virtude, como também a felicidade e tristeza, mas a sua principal expressão é o amor; as iniciais “XP” que é um símbolo formado por duas letras

gregas, cujo significado são as iniciais da palavra Cristo. Dessa forma, representa a palavra Messias ou Cristo, e indica o escolhido por Deus para salvar a humanidade; a âncora que significa a confiança e esperança; o alfa e ômega que estão ligados à figura de Deus e de Cristo, possuindo o significado de totalidade e abrangência; a trombeta que simboliza o juízo final e a estrela que possui vários significados, entre eles, o símbolo da ordenação cósmica, pois ilumina o céu noturno se destacando no meio das trevas da noite; pode representar os anjos das sete igrejas citadas no apocalipse ou pode representar o próprio Cristo. (BELLOMO, 2008)

Além dos símbolos existem as tipologias zoomórficas que são obras funerárias representadas por figuras de animais. Exemplos de arte zoomórfica: Leão é um animal que representa poder, inteligência e justiça, tornando-o um ser soberano, pode ser visto no trono e nos brasões de diversos reis; Águia que é considerada a “rainha dos pássaros”. Na visão cristã é considerada com poderes de rejuvenescimento e é símbolo do batismo, pois tem o hábito de mergulhar três vezes na água e o Cão que representa a fidelidade e a vigilância. (BELLOMO, 2008).

A partir dos símbolos é possível localizar diversos grupos e sua religiosidade, bem como identificar a hierarquização do cemitério, pois é através dos símbolos e das construções que os indivíduos se mostram, tanto na questão da religião, quanto na de poder. Com a análise feita no último capítulo, poderemos perceber como as pessoas lidavam com a morte em Jaguarão, de acordo com algumas simbologias e construções encontradas no cemitério.

CAPÍTULO 2

A TRAJETÓRIA DA PESQUISA: EM BUSCA DAS FONTES

Neste capítulo, mostrarei como foi a trajetória de pesquisa, bem como cada etapa e dificuldades encontradas ao longo do caminho, resultando na metodologia escolhida para desenvolvê-la. Para a realização deste trabalho foi escolhido o Cemitério das Irmandades por ser um local de memória que muitas vezes a população desconhece e também por ser um objeto de estudo ainda pouco pesquisado. Sobre este tema existe somente Roteiros Turísticos feitos pelo curso de Turismo, da Universidade Federal do Pampa, e um trabalho de uma pesquisadora que atualmente está realizando o mestrado sobre o Cemitério.

O Cemitério das Irmandades (FIGURA 01) localiza-se em Jaguarão no estado do Rio Grande do Sul, fronteira com a cidade de Rio Branco/Uruguai. A cidade de Jaguarão possui um conjunto histórico e paisagístico no centro, com mais de oitocentos prédios tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2011. É o maior tombamento nacional no sul do país. O Cemitério das Irmandades localiza-se no ponto mais alto da cidade, foi construído em 1855 devido a uma epidemia do vírus “cholera morbus”.



FIGURA 01: Frente do Cemitério das Irmandades
Foto: Nathalia Affonso

A primeira parte deste capítulo tem o objetivo de analisar os trabalhos que já foram realizados sobre o cemitério, tendo em vista a dificuldade encontrada para a realização dos

mesmos. Essa dificuldade com as fontes será discutida no decorrer do capítulo. Sobre o cemitério foi encontrado dois materiais que trabalham o cemitério, começaremos com o da Raíssa Souza de Moura, que realizou um Projeto Aplicado do curso de Tecnologia e Gestão de Turismo pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) neste ano de 2015. O outro material é de uma pesquisadora que atualmente está realizando o trabalho de mestrado, a Larissa Bitar, o material disponibilizado por ela é um artigo realizado na pós-graduação da Faculdade Anhanguera.

Segundo Moura, acredita-se que o Cemitério das Irmandades foi construído naquele local estratégico devido à cólera e “ao decorrer do tempo, a epidemia foi constatada longe de Jaguarão, pois já tinha se alastrado para outras cidades e estados”. (MOURA, 2015, p. 21) Em outubro de 1855, desembarcou em Jaguarão um indivíduo que fazia parte da Comissão de Higiene Pública da Província, trazendo uma série de medidas e precauções sanitárias. (MOURA, 2015) Caso que já foi discutido no capítulo anterior. De acordo com Bitar, no centro da cidade existia um cemitério municipal na década de 1850, porém havia uma urgência na construção de um novo cemitério, em virtude das muitas mortes causadas pelo vírus. Assim, em 1855, foi projetado um cemitério particular com a iniciativa de duas Irmandades: Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição.

O cemitério teria como espaço físico 40000 m², terras doadas pelo Padre Themudo Cabral Diniz, Augusto de Cezar de Leivas e José Alberto Portella. Possuindo quatro quadras destinadas aos mausoléus, esse espaço está dividido em duas partes, separado por um corredor⁷, cada parte pertence a uma irmandade. Ao fundo, há uma capela, que de acordo com relatos da população foi construída por membros da Maçonaria. Na parte de trás da capela eram enterrados os acatólicos, que não pertenciam a nenhuma irmandade, esse espaço era identificado por um brasão de pedra, que diz “Jazigo dos Acatólicos”. Conforme nos diz a autora, os mausoléus revelam um tempo em que predominava o poder, a riqueza e o exibicionismo. “Mármore de carrara, estatuetas de bronze, anjos guardiões, colunas gregas, azulejos portugueses que ornamentam esses túmulos são a comprovação do comportamento da população da época”. Em cada vértice do muro traseiro localiza-se duas torres chamadas Guarita dos Ossos (FIGURA 2), contendo ossos humanos, e há comentários de que serve como local de incineração de restos mortais retirados dos túmulos. (BITAR, 2012)

⁷ Foto do corredor em ANEXO 3.



FIGURA 02: Guarita dos Ossos
Foto: Nathalia Affonso

Em razão de serem trabalhos vinculados à área de Turismo, foram somente esses dados que consegui obter. Por ser um tema em Jaguarão que praticamente não foi pesquisado e por existir poucas fontes escritas do cemitério, há uma grande dificuldade para se alcançar dados a seu respeito. Agora veremos a trajetória da pesquisa e as dificuldades encontradas na realização dela.

Primeiramente, fui atrás das fontes escritas guardadas na secretaria do cemitério, o que se encontrou lá foram três atas, uma de carneiros⁸ (FIGURA 03), de recibos (FIGURA 04) e outra de registro de óbitos (FIGURA 05). Em uma saída de campo para conversar com a secretaria e o administrador do cemitério, descobri que não existem mais fontes lá, pois todas que haviam foram queimadas e jogadas fora por uma senhora, ex-funcionária do cemitério, que achava que era “muito papel velho”, sendo assim, infelizmente com esses documentos da secretaria do cemitério não pude contar, fui informada ainda que havia um livro tombo, possivelmente com as atas iniciais, mas também não se encontra mais no cemitério.

Procurei a Câmara de Vereadores, acreditando que pudesse encontrar alguma coisa, mas não, pois como o Cemitério das Irmandades é privado provavelmente sua documentação fica restrita ao resguardo dos administradores e da secretaria. Estive ainda pesquisando no Instituto Histórico e Geográfico, onde foi possível encontrar uma placa dos “acatólicos”, que

⁸ Comumente as pessoas chamam de carneiras.

pertencia ao cemitério e indicava a seção onde as pessoas que não faziam parte de nenhuma irmandade eram enterradas, questão que no capítulo 3 será melhor desenvolvida. Havia também um Estatuto de 1932, uma pasta com vários recibos escritos à mão em folhas de papel e um documento do ano de 1993 que continha a devolução para o cemitério de Livro de Atas, Livro de Presença, Estatutos da Associação, Registro no Cartório de Imóveis, diversos documentos, rascunhos e apontamentos das reuniões, entre outros, isso estava com o secretário da época, o senhor Valentim de Lima Piuma, que acabou falecendo, e o irmão Milton de Lima Piuma devolveu todas essas coisas e redigiu o documento. Esses documentos que constam na descrição do irmão seriam importantes fontes de pesquisa, no entanto, esses documentos provavelmente não existem mais ou não se encontram arquivados em espaços acessíveis à pesquisa.

Carneiros Grandes			
1897	Agosto	11	Ferdinando José Corrêa de Sá 3 d. de 26, branco, natural do Rio de Janeiro
1897	Setembro	3	Exumação
1897	Março	19	Maria Enaltes Pacheco de 11 anos de idade, natural do Rio de Janeiro filha de Sr. João B. Gonçalves
1898	Setembro	25	Aracelia Caldeira Souto de 26 anos de idade, branca, natural do Estado do Rio de Janeiro
1898	Março	27	Mercedes Saraiva de 11 de 65 anos de idade, branca, natural do Estado do Rio de Janeiro
1898	Maio	30	Exumação
1896	Setembro	3	Constança Francisco de 12 de 78 anos de idade, branca, natural do Rio de Janeiro

FIGURA 03 – Livro de Ata dos Carneiros
Fonte: Acervo do Cemitério

CEMITERIO PARTICULAR
NA CIDADE DE JAGUARAO
Denominado das — Irmandades

Segundo O Sr. Manoel Carlos Pereira
a quantia de *dois mil reais*
importancia proveniente de sua offerta para despesas do Cemiterio; tendo o Sr.
adquirido com esta quantia uma sepultura no seguinte terreno com o prazo de qua-
tro annos para edificar a *Paulina Pereira e Joaze de Barros*
Estado, branco, natural do Estado, no Carneiro
grande 432 de lado de Sacramento.

Jaguarião, 11 de Abril de 1894

O Administrador,

FIGURA 04 – Livro de Ata dos Recibos
Fonte: Acervo do Cemitério

Registro de Óbitos do Cemitério das Irmandades de Jaguarão

Data do sepultamento 29-7-66 N.º do termo 7274
 Nome do falecido Carlos Alberto da Silva 303
 Lugar do óbito Rua 15 de Novembro 1899
 Sexo M. Cor B. Estado civil
 Idade 7 meses Profissão
 Lugar do nascimento Jaguarão
 Domicílio Jaguarão Data do óbito
 Filho de João Silveira 703
 Nome do médico que atendeu Dr. Nelson Evaristo da Silva
 Moléstia Morti Súbita

Sepultado na catacumba n.º 7 do lado 87 no 1º quadro, na 2ª ordem, com frente para o lado
 VENCIMENTO 29-7-66
 REFORMADA
 Observações Mortuário prop. sucessão de José Louche

Data do sepultamento 30-7-66 N.º do termo 7286
 Nome do falecido Assunção Oliveira
 Lugar do óbito Hospital Carlos Barbosa
 Sexo F. Cor B. Estado civil
 Idade 66 Profissão
 Lugar do nascimento Sr. C. do Uruguai
 Domicílio Jaguarão Data do óbito 30-7-66
 Filho de Tomaz Oliveira
 Nome do médico que atendeu Dr. Nelson Evaristo da Silva
 Moléstia Gripe

Sepultado na catacumba n.º 29 do lado 85 no 2º quadro, na 2ª ordem, com frente para o lado
 VENCIMENTO 30-7-66
 REFORMADA Exumado em 10-10-66 fixa nº 878.
 Observações

FIGURA 05 – Livro de Ata dos Registros de Óbitos
 Fonte: Acervo do Cemitério

Partindo de todas essas dificuldades de escassez de fonte escrita, uma das metodologias adotadas para o meu trabalho foi o relato oral, de acordo com Febvre,

a história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando eles existem. Mas ela pode fazer-se, ela deve fazer-se sem documentos escritos, se os não houver. Com tudo o que o engenho do historiador pode permitir-lhe utilizar para fabricar o seu mel, a falta das flores habituais. Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninhas. Com eclipses da lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (FEBVRE, 1989, p. 249)

Escolhi conversar com pessoas que possuem um vínculo com o cemitério e dessa maneira, conseguir fazer o meu trabalho com esses dados. Todos os relatos estarão no próximo capítulo, sendo assim, “ser historiador é [...] nunca se resignar, é tentar tudo, experimentar tudo para preencher as lacunas da informação, é explorarmos todo o nosso engenho, eis a verdadeira expressão”. (FEBVRE, 1989, p. 250) A primeira entrevista que fiz, não obtive praticamente nada, o senhor entrevistado disse que não tinha nenhum

conhecimento sobre o cemitério, pois como não havia nenhuma fonte que mostrasse, ele não poderia me dizer nada. Mesmo com a primeira entrevista sem sucesso, não desisti, parti para a próxima. Com uma saída de campo até o cemitério no dia 17/09/2015, encontrei a secretária, a senhora Cecília e o administrador do local, o senhor Valdemar, ambos muito atenciosos e dispostos a ajudar. O senhor Valdemar relatou sobre várias coisas do cemitério, e fez um demorado passeio pelos corredores para explicar melhor a localização de túmulos e irmandades, enfim, tivemos ao acaso uma longa conversa bastante elucidativa. Eles me indicaram outra pessoa para fazer a entrevista, o senhor Rogério, atual vice-presidente do cemitério, também muito atencioso e aceitou realizar o relato. Vale salientar que iremos falar dos relatos no próximo capítulo.

Para fazer um trabalho etnográfico, é preciso ter em mãos duas ferramentas, a observação e entrevista ou caneta e gravador, eles que permitirão a pesquisa. Fazer as observações e entrevistas, e, analisá-las é o que sustenta o avanço da pesquisa. (BEAUD; WEBER, 2007) De acordo com os autores Beaud e Weber,

a entrevista etnográfica oferece uma rica matéria à observação. Suas notas de observação, que deve escrever com calma logo após a entrevista, são tão importantes quanto a fita gravada. Anote o que o impressionou na sua apresentação ao entrevistado, a “decoração” (salão, cozinha, escritório, outro lugar de trabalho), as relações criadas nessa ocasião, com outras pessoas presentes no lugar (membros da família, amigos, colegas de trabalho). Com isso evitará fundamentar a interpretação da entrevista só sobre a sua transcrição. As observações dos lugares e das pessoas feitas em situações de entrevista propõem elementos preciosos de análise. (BEAUD; WEBER, 2007, p. 122)

Em uma observação de interação pessoal, o essencial é anotar, pois se trata de um evento importante, importante para a pessoa, para a pesquisa e para a busca. É melhor anotar demais e descartar o que não for de interesse, do que deixar de anotar algo que possa ter relevância para a análise. (BEAUD; WEBER, 2007) Uma questão importante é que não se deve pedir entrevista a qualquer um, e não entrevistar todo mundo, é bom escolher pessoas que pareçam interessantes para a pesquisa, pois você está submetido a um limite de tempo. (BEAUD; WEBER, 2007)

Por fim, fui na Igreja conversar com o Padre Florêncio, foi pároco entre 1964 à 1972 e 1987 à 1993. Ele me orientou a pesquisar no livro tombo da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo, pois como as Irmandades faziam parte desta Igreja, seria provável que tivesse um

registro sobre a criação do Cemitério ou alguma outra informação que pudesse ajudar na pesquisa. Mas o livro sumiu e não se encontra mais na Igreja, o mais antigo é de 1912 à 1925 (FIGURA 06). O Padre Florêncio relatou que o Cemitério das Irmandades era uma associação ligada à Igreja, como dito anteriormente, e somente membros dessas Irmandades que eram sepultadas nesse Cemitério. Uma questão que ele comentou é que mais ou menos em 1957, um senhor chamado Alveo Teixeira organizou uma sociedade particular para tomar conta do cemitério e o padre da época Carlos Estevão Johannes, não aceitou, pois quem administrava o Cemitério era a Igreja e os dois tiveram uma discussão pois o senhor Alveo queria os direitos do cemitério. O padre Florêncio disse que a partir daí o cemitério passou a ser particular, o que entendemos que deixou de permanecer diretamente vinculado a administração da Igreja.

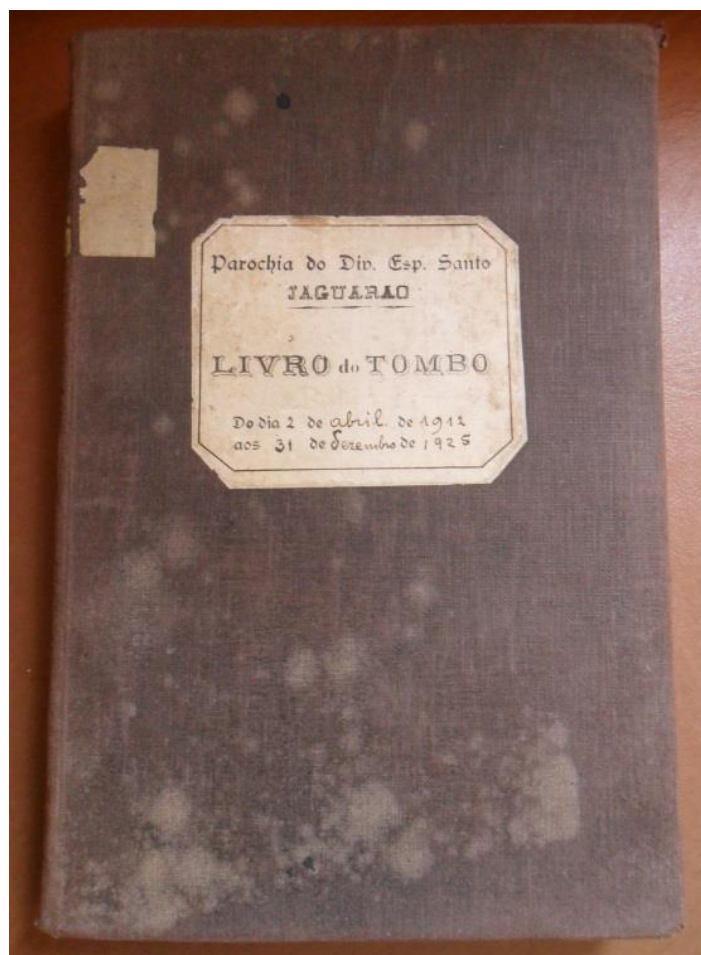


FIGURA 06 – Livro Tombo da Igreja
Fonte: Acervo da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo

A partir de todos os dados obtidos na saída de campo, no próximo capítulo será mostrado os relatos da pesquisa e uma análise geral sobre o Cemitério das Irmandades.

Levando em consideração a fala de cada entrevistado e a análise feita, poderemos entender sobre aquele espaço cemiterial conhecido como cemitério “dos ricos”.

CAPÍTULO 3

RELATOS E ANÁLISE DO CEMITÉRIO DAS IRMANDADES

Em meados do século XIX, uma questão que estava em pauta na cidade de Jaguarão era a de “um lugar decente para enterrar os mortos” (MARTINS, 2001, p. 214) A cidade tinha no centro um cemitério de condições precárias que obstruía a intenção de aumentar a malha urbana da cidade, portanto a criação de um novo cemitério entrou em discussão. No livro, “Jaguarão no Centenário da Independência da Pátria (7 de Setembro de 1822 à 7 de Setembro de 1922)”⁹, diz que:

Situado a boa distancia e ponto culminante dos arredores, o cemitério das “Duas Irmandades” em nada desmerece o aspecto cuidadoso e pitoresco da cidade. Sua fundação teve lugar em 1856, por iniciativa do conceituado commerciante, José Alberto Portella. Tendo passado, successivamente, por melhoramentos, acha-se hoje em optimas condições, sobretudo depois das grandes reformas allí introduzidas sob a direção do operoso e apreciado cidadão Sr. José Maria Asso. Damos, abaixo, á acta da fundação.

Aos quinze dias do mez de Maio de mil oitocentos e oito foi benzido solemmente pelo Reverendo Vigario desta Freguezia do Divino Espírito Santo da Cidade de Jaguarão João Themudo Cabral Dinis, acompanhado das Irmandades do Santíssimo Sacramento e da Nossa Senhora da Conceição com as formalidades canonicamente, o Quadro edificado no Serro a Sudueste da cidade a expensa dos Irmãos para Cemiterio particular das duas referidas Irmandades, sendo metade o lado esquerdo da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição e a outra metade ao lado direito da Irmandade do Santíssimo Sacramento, separados por caminho do portão ao fundo, onde se edificará capella, sendo o portão, caminho adro, e Capella neutal e de serventia indistinctamente das duas Irmandades.

O Secretario Comm. Das Obras do Cemiterio

JOSÉ ALBERTO

Por iniciativa de um comerciante chamado José Alberto Portella, se fez um empreendimento para a fundação de um novo cemitério, denominado a princípio de Cemitério das Duas Irmandades. E o que parecia um processo simples, “foi motivo de muitos problemas

⁹ Texto extraído do livro “Jaguarão no Centenário da Independência da Pátria (7 de Setembro de 1822 à 7 de Setembro de 1922)” – Revisão 1, Luiz Lopes Loder, abr. 2009, encontrado no Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão. O original possuía um carimbo com o nome de Amadeu Azevedo.

e discórdia que acarretaram atrasos na execução da obra” (MARTINS, 2001, p. 214). Surgiram entraves na construção do Cemitério, um deles foi quando Portella pediu para a Câmara Municipal, oitenta palmos de terrenos ao fundo das instalações do cemitério para a construção de uma capela e um adro. Porém, através de uma portaria, o Governo Imperial teria mandado impedir novas transferências de terreno no cerro onde se localizava o cemitério, até que fosse decidido quais fortificações seriam projetadas na cidade, com isso deu-se o início de um longo processo até sua decisão final. Entretanto, antes da demora colocada por essas questões militares, já havia outros fatores que contribuíram para o atraso da construção. As duas Irmandades envolvidas com o administrador Portella, Irmandade do Santíssimo Sacramento e Irmandade da Nossa Senhora da Conceição, discutiam desde a posse dos mortos, até o local a ser construído o cemitério. (MARTINS, 2001)

No dia 30 de maio de 1854, a Câmara Municipal deliberou as dimensões a ser construídas, a sua localização e o valor que seria arbitrado, sendo uma quantia de cem mil réis. Após o acordo da localização, outra discussão entre as Irmandades ocorreu, desta vez foi por questões relacionadas ao projeto arquitetônico, cada uma tinha sua preferência. O projeto do cemitério ficou definido a partir de alguns elementos neutros entre as duas Irmandades: o adro, o corredor e a capela; e duas alas laterais. (MARTINS, 2001) O lado direito, de quem entra, pertence à Irmandade da Nossa Senhora da Conceição e o lado esquerdo da Irmandade do Santíssimo Sacramento.

O Cemitério das Irmandades foi inaugurado no dia 15 de maio de 1858, teve sua localização condicionada às imposições militares e reflete toda força econômica, política e cultural de algumas famílias jaguarenses através de seus luxuosos mausoléus, seus símbolos e detalhes, marcando suas posições sociais e culturais, onde na sua construção há mármore importados da Europa e trabalhos esculpidos por artistas de outras localidades. (MARTINS, 2001)

De acordo com seus túmulos percebe-se a monumentalidade que existe em várias sepulturas, dessa forma, o estudo de campo será a maneira de analisar esse espaço, tendo em vista a dificuldade encontrada pela escassez de fontes escritas sobre o local. Agora veremos os relatos feitos para a realização da pesquisa, levando em consideração que as pessoas entrevistadas de alguma forma possuem um vínculo com o lugar.

3.1. Encontros no Cemitério: relatos de pesquisa

No dia 17 de setembro, ao fazer uma saída de campo para pesquisar no Cemitério das Irmandades, foi possível encontrar com seu Valdemar. O senhor Valdemar é administrador do Cemitério das Irmandades à 16 anos e responsável pela manutenção e gestão de praticamente todas as atividades que ocorrem no cemitério. Nesse dia, descreveu um pouco o que sabe da fundação do cemitério e dos antecedentes do mesmo. Conta que antes da construção do cemitério, havia um outro cemitério pequeno no centro da cidade, que por causa de uma epidemia de febre amarela foi retirado de lá, passando a ser atrás da viação férrea. Nesse local, segundo seu Valdemar, ainda se encontra uma casinha que chamam de “anjinho”, seria o único que ficou enterrado naquele local, após esse, construíram o Cemitério Municipal, até hoje em funcionamento. Enquanto faziam essas trocas de cemitério, na mesma época, surgiu o Cemitério das Irmandades, para pessoas de classe social mais alta.

O cemitério era dividido em duas Irmandades: Santíssimo Sacramento e Nossa Senhora da Conceição. De acordo com o senhor Valdemar, a fundação do cemitério deve-se ao projeto firmado entre a Igreja Católica e a Maçonaria, na sequência, houve uma grande briga entre elas, e, dessa forma, cada uma dessas instituições passou a deter o poder de gerir e usar cada uma das Irmandades, melhor dizendo, cada instituição tinha o “seu lado” no cemitério. No caso, o Santíssimo Sacramento passou a ser da Igreja e a Nossa Senhora da Conceição, da maçonaria. Em sua descrição, seu Valdemar explica que haviam ainda outras divisões faziam parte da organização religiosa do cemitério, ou seja, atrás da capela que divide as duas outras partes, eram enterradas todas as pessoas não católicas, havia inclusive uma placa informando a presença dos não católicos (FIGURA 07). Durante muito tempo, depois de cair em obsolescência essa prática de enterrar não católicos separadamente, essa placa permanecia no cemitério, porém, foi retirada sem o conhecimento e autorização da administração do cemitério, atualmente encontrando-se no Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.



FIGURA 07 – Placa dos Acatólicos
Fonte: Acervo do IHGJ

Na capela que separa as duas Irmandades, há indivíduos enterrados à sua volta¹⁰ e dentro dela. Segundo seu Valdemar, a hipótese é de que foram ali sepultadas as pessoas que ajudaram financeiramente na sua construção. Atualmente, ela é aberta apenas nos dias de finados. Quando perguntado sobre a presença de afrodescendentes sepultados no cemitério que sempre carregou o rótulo “dos ricos” e, sabendo-se que, em sua grande maioria, a população negra da cidade pertence às classes populares, o relato de seu Valdemar aponta para a possibilidade destes serem enterrados por seus patrões, pois sendo uma prática comum, os senhores muitas vezes enterravam seus empregados, agregados ou ex-escravos na irmandade em que faziam parte. Observamos uma construção fúnebre de um menino afrodescendente, falecido aos 16 anos, com uma homenagem de “seus pais adotivos” (FIGURA 08 e 09). A hipótese é que era um ato dos patrões que conviviam por muito tempo com seus empregados.

Também em conversa, ele disse que no começo o cemitério pertencia à igreja católica e, com o tempo, a maçonaria tomou conta, porém, hoje não há nenhuma divisão religiosa e pode ser enterrada qualquer pessoa que desejar e puder pagar sua sepultura.

¹⁰ Foto dos túmulos ao lado da capela em ANEXO 4.



FIGURA 08 e 09 – Jazigo do menino afrodescendente
Foto: Nathalia Affonso

No dia 29 de setembro, em mais uma saída de campo, tive uma conversa com o senhor Rogério no interior mesmo do Cemitério das Irmandades. Rogério tem 56 anos e faz parte da associação do cemitério fazem mais de 20 anos e no momento se encontra na vice-presidência. O senhor Rogério propôs uma caminhada pelo cemitério, e assim, me contaria sobre o local. O relato teve início na entrada, ele disse que é Associação Cemitério das Irmandades, pois é sem fins lucrativos, fundada aproximadamente em 1840/1850, ela sobrevive da venda de jazigos, se mantém dos recursos privados das pessoas que são sepultadas ali.

A Associação Cemitério das Irmandades tem a finalidade de zelar, manter e melhorar o cemitério, explica Rogério. Seus sócios são tratados como Irmãos, sem restrição de sexo, nacionalidade ou religião¹¹. Quem fez a associação e fundou o cemitério, foi um padre da Paróquia do Divino Espírito Santo, chamado João Themudo Cabral Diniz, era um português, tendo várias obras na cidade, como: a Igreja do Divino, o Cemitério e a Loja Luz

¹¹ Documento referente à devolução de atas, escrito por Milton de Lima Piúma, em 1993. Encontra-se no Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão

Transatlântica, pois além de padre era maçom. É associação Cemitério das Irmandades porque é dividida em duas irmandades, a Nossa Senhora da Conceição e Santíssimo Sacramento, essas duas irmandades compunham à Igreja.

Assim como relatou seu Valdemar, Rogério explica a composição arquitetônica do cemitério: possui o corredor e a capela ao fundo, cada lado pertence a uma irmandade e atrás da capela há uma parte formada pelos acatólicos. Antes da construção do Cemitério das Irmandades, havia outro cemitério no centro da cidade, porém, teve a cólera e muita gente acabou morrendo, dessa forma, o padre Themudo resolveu fazer um novo cemitério de boas condições, pois não havia na cidade um cemitério assim, relatou o senhor Rogério. A capela foi feita com símbolos maçons, tendo em vista, as colunas e os triângulos que há nela (FIGURA 10).



FIGURA 10 – Capela do Cemitério no Dia dos Finados
Foto: Nathalia Affonso

A briga entre a Igreja e a maçonaria, ele desconhece, só comentou que aproximadamente em 1880 houve problemas e a igreja passou a não aceitar a maçonaria, mas não sabe se houve briga, porém, relatou que hoje em dia há uma divisão, não se vê padres católicos frequentando a maçonaria. Sobre a Igreja não aceitar os maçons, perguntei se tinha alguma divisão, ele disse que não, que isso não havia, e até mesmo hoje pode ser enterrado qualquer indivíduo, católico, protestante, entre outros. No início sim, era somente por pessoas

que frequentavam a Igreja Católica, porque era o que dominava a cidade naquele tempo, era o padre que mandava, fazia registro civil, e, a parte governamental quem fazia era a Igreja, sendo o padre a autoridade máxima. Porém há a ala dos não católicos, acreditamos que talvez com o passar do tempo eles começaram a ser enterrados nesta parte.

Observando que no cemitério existem vários negros enterrados, tanto em uma Irmandade, quanto na outra, e, como dito anteriormente, é conhecido como cemitério “dos ricos”, sendo assim, perguntei ao senhor Rogério se ele tinha algum conhecimento sobre essas pessoas, e, ele acredita que não estão enterrados em túmulos grandes, pois naquela época, não possuíam a mesma oportunidade financeira e econômica, pois eram escravos ou alforriados. Uma suposição seria que eles ficavam na parte dos acatólicos¹². Em relato, falou que a maioria dos túmulos são de famílias descendentes de portugueses e espanhóis.

Porém, trabalha-se com a hipótese de que essas pessoas eram enterradas ali através de relações de trabalho de muitos anos, criando relações com seus patrões, que, muitas vezes como forma de gratidão por terem os acompanhado por bastante tempo, ou, como forma de mostrar poder diante dos outros, que assim, além de enterrar a família, enterravam seus empregados. Essa é uma questão que pode ser melhor explorada em outro momento, levando em conta as condições colocadas para o sepultamento de afrodescendentes, considerando que o cemitério, em boa parte, era utilizado por famílias escravagistas.

3.2. Análise do Cemitério das Irmandades

Quem visita o Cemitério das Irmandades se depara com monumentos grandiosos, muitas vezes de mármore e com esculturas que representam algo para cada pessoa enterrada naquele local. Observa-se que existem algumas figuras públicas de Jaguarão ali sepultados, como por exemplo, Carlos Barbosa e Conselheiro Diana. Para contextualizar um pouco sobre essa figura, José Francisco Diana, conhecido como Conselheiro Diana, era representante do Partido Liberal, esse partido tinha controle na política do Rio Grande do Sul antes da República. (RIBEIRO, 2015) Nele existem também pessoas “comuns” enterradas em sepulturas bem simples o que coloca algumas questões para se pensar o Cemitério como dos “ricos”, como é chamado. Uma questão intrigante é a placa de entrada do cemitério dizendo

¹² Muitos negros estão enterrados na parte central do cemitério.

que ali dentro reina a igualdade. Será? Então por que ele é chamado dos “ricos”? Ou melhor, que ele tem muitos ricos, provavelmente em sua maioria nos túmulos antigos, é sabido, o que coloca algumas questões é a presença de outros grupos sociais no local. Ainda, por que os acatólicos tinham que ser enterrados atrás da capela? Por que existem monumentos grandes e outros pequenos? Por que no Estatuto de 1932 diz que mendigo não pode entrar no cemitério? Isso é igualdade? Não, sabemos que não existe igualdade na morte, mesmo que na entrada de um cemitério diga isso. É só olhar ao redor existem jazigos de mármore e jazigos de pedra e cal. Com isso explico a escolha do título do meu trabalho “Aqui esvaece orgulho, ódio e vaidade. Reina a paz, o sossego e a igualdade” (FIGURA 11).

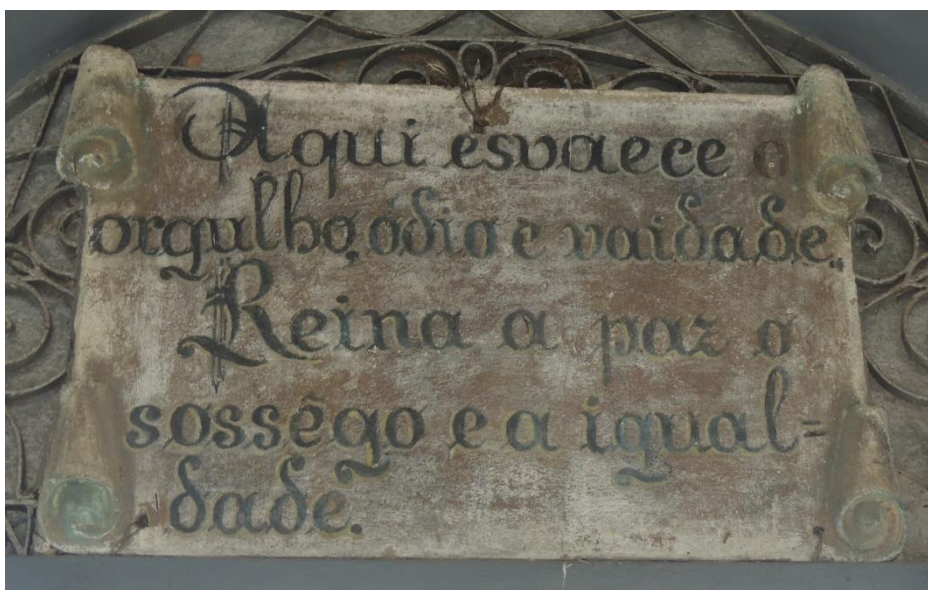


FIGURA 11: Placa da entrada do Cemitério
Foto: Letícia de Faria Ferreira

Em análise geral do cemitério, nota-se a presença em vários jazigos de placas de mármore do mesmo formato e desenhos (FIGURA 12), e todas do final do século XIX. Apesar de haver a suposta briga e cada lado pertencer a um “grupo”, dos católicos e dos maçons, observa-se em ambos os lados uma simbologia cristã muito forte, com poucos símbolos maçons. O que intrigou durante a saída de campo no cemitério foi o fato de túmulos terem nos desenhos das placas âncoras inteiras e outros com âncoras quebradas, que no fim descobri que a âncora quer dizer esperança e âncora quebrada quer dizer que a esperança acabou, pois a morte é única situação que não há concerto, representando o desprender-se deste mundo. Em análise feita, o significado por trás da âncora é o mesmo tanto para os cristãos como para os maçons.



FIGURA 12: Jazigo com placa em mármore
Foto: Letícia de Faria Ferreira

Uma hipótese que surgiu sobre os “acatólicos” seria de que os indivíduos enterrados nessa ala fossem pessoas que devido a condições financeiras não conseguiam se manter na associação das Irmandades, por esse motivo eram enterrados ali, pois analisando seus túmulos (FIGURA 13) percebe-se uma simbologia cristã, até mesmo em vários existem a Cruz, o que pressupõe que aquelas pessoas tinham uma religião, lembrando que em todos os relatos e documentos pesquisados, o cemitério a princípio pertencia às Irmandades religiosas.



FIGURA 13 – Ala dos “acatólicos”
Foto: Letícia de Faria Ferreira

Por fim, percebe-se a grandiosidade que existe dentro do local, muitas construções grandes, muitos mármores de diversos estilos e também muita simplicidade. (FIGURA 14) Além de tudo é um lugar que tem em suas entranhas a história das gerações que aqui viveram,

os costumes, a influência religiosa e das figuras públicas, a distinção social e o status que está presente mesmo após a morte.



FIGURA 14 – Túmulo simples
Foto: Letícia de Faria Ferreira

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria de salientar que meu trabalho ainda ficou em aberto para que em outro momento eu possa dar continuidade à pesquisa, como por exemplo, na questão da simbologia e arte no espaço cemiterial. Devido ao tempo não pude aprofundar nesses aspectos, e como disse, deixarei para outro momento.

Tratando-se do presente trabalho, houve uma grande dificuldade em relação à pesquisa em documentos escritos, muitos se perderam, sumiram, foram queimados, jogados fora e etc, e no fim usei o que estava ao meu alcance para a realização da pesquisa. Quando fiz os relatos orais, encontrei com pessoas dispostas e também com pessoas que não quiseram ajudar, e que eu sabia que poderiam acrescentar no meu trabalho.

O Cemitério das Irmandades possui um conjunto de construções bem eclético, vemos várias etnias, nacionalidades, e condições sociais diferentes¹³. A arte no cemitério adquire uma função bem específica, mostra a mudança econômica e social da sociedade, este modelo de cemitério e suas manifestações artísticas peculiares se efetivaram a partir do século XIX, “mostrou-se como um local onde através da arte é possível distinguir e eternizar o status social do indivíduo e sua família”. (SANTOS; FREITAS, 2012, p. 32)

Percebe-se que no período em que o cemitério era vinculado à Igreja e à Maçonaria havia uma preocupação com a ordem religiosa, o critério religioso era de extrema importância para poder ser sepultado naquele lugar, hoje o que predomina é o capital, ou seja, qualquer indivíduo que possui condições financeiras pode ser enterrado. A distinção não é mais religiosa, mas construída pela condição econômica que cada túmulo carrega consigo. Até mais ou menos os anos de 1960, os dois elementos principais para o enterro no cemitério seria o dinheiro e a religião, após esse período, quando houve uma mudança administrativa, o que passou a predominar foi somente a condição financeira, podemos dizer que a fé sucumbiu ao capital.

¹³ Fotos em ANEXOS 5, 6, 7, 8, 9 e 10 de túmulos distintos.

REFERÊNCIAS

- BITAR, Larissa. **Turismo Cultural em Jaguarão**: Valorização do Cemitério das Irmandades. Anuário de Produção Científica dos cursos de pós graduação Anhanguera. Vol. 1, Nº 1, 2012.
- BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo**: Produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul**: arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 1996.
- CYMBALISTA, Renato. **Cidades dos Vivos**: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo. São Paulo: Fapesp, 2002.
- DEBRAY, Régis. **O nascimento pela morte**. In: Vida e morte da imagem: Uma história do olhar no Ocidente. Petrópolis: Vozes, 1994.
- ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**: seguido de “Envelhecer e morrer”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

FERNANDES, Vladimir. **Cassirer: a filosofia das formas simbólicas**. Dissertação. Resumo do capítulo 1. PUCSP, 2000.

FLORES, Ana Paula Marquesini. **Descanse em paz: testamentos e cemitério extramuros na Santa Maria de 1850 a 1900**. Dissertação. PUCRS: 2006.

FOCHI, Graciela Márcia. **Morte, cemitério e jazigos: reflexões a partir do cemitério municipal de Joinville/SC**. Revista *Ágora*, Salgueiro-PE, v. 5, n. 1, p. 62-80, agos. 2010.

GOMES, Daniela Gonçalves. **As ordens terceiras em Minas Gerais: suas interações e solidariedades no período ultramontano (1844-1875)**. Revista Brasileira de História das Religiões - ANPUH, Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009.

LACET, Juliana Lemos. **Os rituais de morte nas irmandades de escravos e libertos: Vila Rica, século XVIII**. Dissertação. UFOP: 2003.

MARTINS, Roberto Duarte. **A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguai: a construção de Jaguarão**. Espanha: Universitat Politècnica de Catalunya, 2001.

MORTARI, Claudia. **Os Homens Pretos do Desterro: Um estudo sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário (1841-1860)**. Dissertação. PUCRS, 2000.

MOURA, Raissa Souza de. **Cemitério das Irmandades de Jaguarão-RS: Uma proposta de tour turístico valorizando a simbologia e a arte cemiterial**. Projeto Aplicado I. UNIPAMPA: 2015.

REIS, João José. **A morte é uma festa**: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Suellen Dias Tourança. **História, gênero e religião**: a trajetória de Minervina Carolina Corrêa. Trabalho de Conclusão de Curso. UNIPAMPA: 2015.

SANTOS, Jane dos; FREITAS, Arthur. **A arte cemiterial como fator de distinção e eternização do status social no Cemitério São Francisco de Paula**. O Mosaico: Revista de Pesquisa em Artes, Curitiba, n. 7, p. 31-45, jan./jun., 2012.

SILVA, Lucas Silva da. **Cemitério da Matriz**: a primeira necrópole de Porto Alegre. IN: BELLOMO, Harry Rodrigues (org.). **Cemitérios do Rio Grande do Sul**: arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

SIQUEIRA, Jéssica Câmara. **A representação da morte em epitáfios**. ReVEL, v. 11, n. 20, 2013.

TOMASI, Julia Massucheti. **Cruzes, epitáfios e sepulturas**: os cemitérios de Urussanga (SC). Goiânia: Revista Habitus, 2012.

ANEXOS



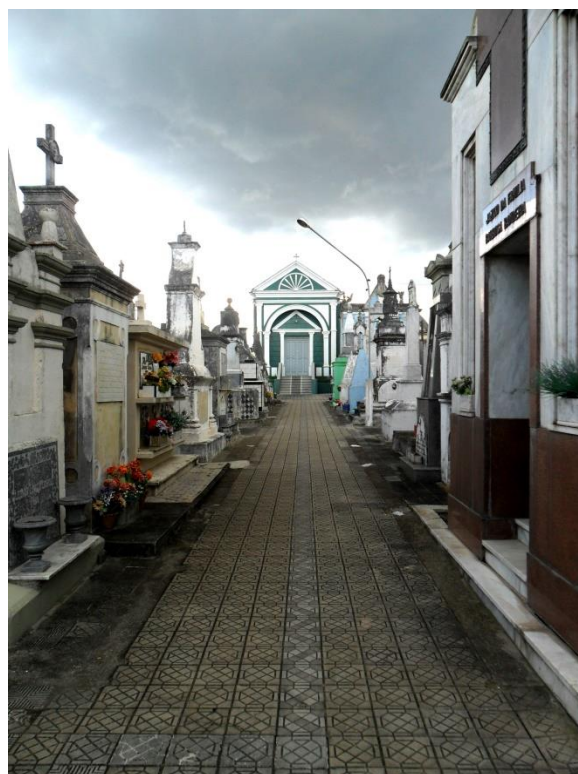
ANEXO 1

Foto: Letícia de Faria Ferreira



ANEXO 2

Foto: Letícia de Faria Ferreira



ANEXO 3

Foto: Nathalia Affonso



ANEXO 4

Foto: Letícia de Faria Ferreira



ANEXO 5

Foto: Letícia de Faria Ferreira



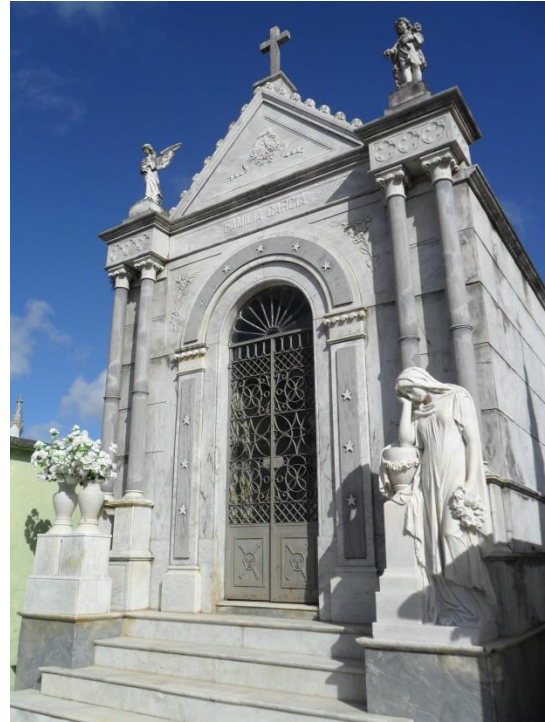
ANEXO 6
Foto: Nathalia Affonso



ANEXO 7
Foto: Letícia de Faria Ferreira



ANEXO 8
Foto: Nathalia Affonso



ANEXO 9
Foto: Nathalia Affonso



ANEXO 10
Foto: Nathalia Affonso